O POLEMISTA CRISTÃO: AS MÚLTIPLAS FACES RELIGIOSAS DO PUBLICADOR ANTÔNIO FERREIRA CAMPOS (1890-1906)

Evily Lima Menezes[1]

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo abordar a vida religiosa do luso Antônio Ferreira Campos no Brasil. Nascido na década de 1860 e convertido na infância ao metodismo tornou-se Batista ao chegar ao Rio de Janeiro na década de 1890. Entretanto, por desavenças, retorna ao catolicismo no início do século XX. Sua jornada tanto no protestantismo como no catolicismo foi marcada por uma expressa e fortíssima defesa de fé. Na sua passagem na doutrina batista ele se torna um dos principais publicadores e polemista, e dado o momento vivenciado de turbulência entre a igreja católica e os protestantes na recém República Laica, a reconversão ao seio papista de Campos foi um grande instrumento no movimento antiprotestante presente no país, em especial da *Liga Contra o Protestantismo*, no Recife. Em duas décadas esta figura emblemática fica marcado como líder protestante, e depois, como fidedigno católico. Analisaremos, metodologicamente, esta jornada pelos periódicos, na perspectiva da historiadora Tânia Regina de Luca, e na perspectiva teórica de *habitus*, *campo* e *capital* do sociólogo Pierre Bourdieu.

PALAVRAS-CHAVE: Igrejas. Estado. Poder. Conflitos Religiosos. Trânsito religioso.

1 INTRODUÇÃO

A colônia portuguesa americana torna-se independente em 1822. Apesar dessa ruptura certas estruturas se mantinham as mesmas, ou com leves alterações. O rei continuava sendo português, a escravidão continuava a se perpetuar juntamente com o modelo econômico agrário e a religião oficial seguia-se sendo o catolicismo. A chegada de pequenos grupos de anglicanos ingleses e luteranos alemães tinha como propósito um suporte econômico que não abalava o domínio e a legitimação do catolicismo, justamente por estes não visarem a evangelização. Limitavam-se a perpetuação da fé para o próprio grupo interno, mantendo os cultos na sua língua materna. A chegada de missionários reformados focando a evangelização no campo brasílico ocorre somente depois da década de 30. Contudo, ainda não se havia uma liberdade expressa para isto, só uma leve abertura dada na Constituição de 1824. Esta permitiu as religiões

[1] Licencianda em História (2018.1) pela UNICAP. Email: evilylimamenezes@gmail.com. Pesquisadora PIBIC Bolsista CNPq (2019-20) e voluntária/UNICAP (2020-21). Orientada pelo Dr. Luiz C.L. Marques.

não católicas de realizarem cultos domésticos e locais em residências/prédios sem aparência de um templo.

Mas afinal, porque metodistas, congregacionais, presbiterianos e batistas se interessariam em vir para o um país sem liberdade? A motivação, e ordenança, provém das palavras de Jesus: "Ide por todo o mundo, pregai o evangelho a toda criatura" (Mc 16:15). Para os protestantes, um país católico (e vice-versa) não era evangelizado e necessitava converter-se à verdadeira boa nova. A leve abertura já citada e, também, as oportunidades econômicas no novo país, incentivaram as juntas missionárias protestantes espalhadas pelo mundo a focarem nas terras Brasílicas. Obviamente que isto se intensifica após a laicidade ser estabelecida na República, com o decreto 119-A de 1890. Outro fator muito importante nesse processo era a situação no Portugal continental.

Desde a vinda da corte lusa ao Brasil, que Portugal sofreu consequências. Mesmo com a volta da coroa, após a Revolução do Porto (1820), a separação da ex-colônia, depois reino-unido, prejudicava, em muito, a economia portuguesa. A política também se encontrava fragilizada e, assim como a relação com a Inglaterra permitiu a entrada de protestantes no Brasil, o mesmo ocorreu com a metrópole. O protestantismo chega a Portugal, e se torna não somente um novo campo missionário mais uma escola do idioma português para preparar missionários para o campo brasílico. Logo, a protestantização lusa ajudou a protestantização brasileira.

Vale ressaltar que não apenas os missionários residentes em Portugal faziam viagem para o Brasil. Graças ao crescimento econômico e a facilidade com o idioma muitos portugueses comuns imigram para ex-colônia, ou já por terem algum parente aqui, ou em busca de uma melhor condição de vida. Entre os passageiros da cidade do Porto na década de 1890, um jovem luso, metodista, de aproximadamente 24 anos, chegava ao Rio de Janeiro.

2 O PROTESTANTE

Em 04 de maio de 1866 nascia na freguesia de Santo Ildefonso, na cidade do Porto, Antônio Ferreira Campos, filho do marceneiro Joaquim Ferreira Campos e de Maria Joaquina da Gloria. Como todo português foi batizado como católico romano. A chegada do metodismo à cidade do Porto, e a instalação da Igreja Metodista do Mirante no final da década de 70, levou

a família Campos à conversão, quando o pequeno Antônio tinha 12 anos, em 1878. Os seus pais vêm a falecer e ele se torna um comerciante. Aos 20 anos incompletos se casa com uma irmã de fé, Branca de Jezus Caldeira, em 1885. Branca vem a falecer, e então ele se casa novamente com a também metodista Emma Rosa Teixeira, em 1888. Apesar de não haver um motivo aparente, pelo menos não identificado, Antônio Campos solicita um passaporte e, em 05 de março de 1890, parte em direção ao Rio de Janeiro. Como já ressaltado, a instabilidade econômica pode ter sido um motivo para tal mudança, principalmente dada a profissão do mesmo.

Ao chegar no Rio de Janeiro, vai congregar com os metodistas, mas acaba entrando em contrito e sai da denominação. Por um breve tempo se "refugia" entre os presbiterianos. Apesar do pouco tempo que passou na Igreja presbiteriana, e sendo "apenas" um fiel comum, ele ganha destaque pela sua escrita e conhecimento da fé e se torna publicador do jornal oficial da denominação, o *Estandarte*. Émile G. Leonárd relata "Antônio Ferreira Campos, convertido do catolicismo, presbiteriano primeiramente e colaborador assíduo do Estandarte" (2002, p. 412). Mesmo sendo um novato no protestantismo brasileiro, e não ter vindo, e nem se preparado para ser um missionário, o talento para publicação de A. Campos foi demonstrado rapidamente. Após sua breve permanência no presbiterianismo ele se integra aos Batistas. Em junho de 1893, foi batizado na Igreja de Christo[2] em Campos (a atual Igreja Batista em Campos, RJ) e se torna um membro muito atuante. Ele é o responsável pela criação da *Associação Cristã de Juventude*, focada na evangelização da cidade. Asa Routh Crabtree (1962) afirma que, em menos de um ano, a associação possuía cerca de 100 membros, destes dois terços de sócios eram católicos e foram classificados como auxiliares.

O Rio de Janeiro, especificamente a região dos Campos dos Goytacazes, era, no período, um dos principais campos missionários para os Batistas, decorrente a malha férrea que facilitava a locomoção e transportação de bíblias e dos missionários. Grandes nomes pastoreavam as igrejas locais, entre eles Salomão Luiz Ginsburg, que foi, ao longo da vida, o responsável por fundar dezenas de igrejas e o Seminário Teológico Batista do Norte do Brasil (STBNB) no

[2] As igrejas Batistas no Brasil, incialmente, nem sempre utilizavam o nome "Batista" nas suas igrejas, sendo comum achar, na documentação, a nomenclatura "Igreja de Christo".

Recife. Elaborou o hinário batista *Cantor Cristão*[3], e foi um dos grandes polemistas na causa protestante. Ginsburg foi um judeu polonês fugido de casa para a Inglaterra onde se converteu ao Protestantismo. Com o desejo de fazer missões recebe o convite da Srª Sarah Kalley, esposa do missionário congregacional Robert Kalley, para ser missionário no necessitado campo brasileiro, no qual Kalley atuava, mas onde já se encontrava com limitações de saúde. Para isso, necessitaria apenas aprender a língua. A passagem e gastos adicionais seriam pagos. Com este propósito ele parte para Portugal, e na curta estadia consegue polemizar com o seu folheto "*São Pedro nunca foi Papa*". Por causa desta publicação ele sai novamente fugido, chegando em junho de 1890 ao Rio de Janeiro. Aqui muda os rumos saindo dos congregacionais e se tornando Batista.

Talvez esta relação de mudança de religião, de terem partido de Portugal ao Rio de Janeiro no mesmo ano, de serem publicadores e ambos terem esposas com o nome Emma tenha sido o motivo da grande amizade entre eles. Quando A. Campos se converte, Ginsburg era o líder atuante na região de Campos dos Goytacazes[4], e publicava um pequeno jornal nomeado *As Boas-novas*.

Além de ser líder da Associação Cristã de Juventude, A. Campos era um membro influente pela sua dedicação e por ser alfabetizado. Estava presente na aquisição de uma nova casa de culto, financiada pela *Junta de Richmond*[5], no centro da cidade do Rio de Janeiro, em 1894, com grandes nomes como J.J. Taylor, Salomão Ginsburg e Antônio Fonseca.

Entre meados de 1893 e início de 94, foi fundada, no mesmo campo missionário, a Igreja de São Fidelis (RJ), e por isso Ginsburg era seu responsável. O campo era frutífero e havia a escassez de ministros. Não se podia contar apenas com missionários enviados por Richmond, cabia aos próprios líderes gerarem líderes locais. Assim ocorreu: "Não obstante a oposição de alguns membros da igreja, o Sr. A. F. Campos foi consagrado ao ministério em 23 de julho de

[3] Primeiro Hinário Batista, conhecido entre os membros pela sigla CC. Atualmente a Igreja Batista possui outro hinário nomeado "Hinário para o Culto Cristão" ou simplesmente, HCC. Ambos continuam sendo usados nas ordens de culto.
[4] São necessárias duas observações: primeiramente, não podemos associar a organização geográfica da cidade de Campos dos Goytacazes atual com a do período, ela abrangia as cidades vizinhas. Segundo, os documentos registram a atuação missionária batista na região de Campos (sem o complemento Goytacazes), mas para evitar confusão entre o sobrenome do personagem da pesquisa e com o nome do local sempre utilizaremos "Campos" para se referir a localidade e "A. Campos" ao personagem.
[5] Era um órgão batista estadunidense, responsável por patrocinar missionários e seus trabalhos pelos campos ao redor do mundo.

1895" (CABTREE, 1962, p. 129). Esta consagração, em específico, foi realizada com certa oposição, pois A. Campos já demonstrava "ímpetos de insubordinação" com líderes e com a própria Junta. Entretanto foi posto como pastor da recém-criada Igreja de São Fidelis.

Trabalhando nesta igreja, A. Campos começa a publicar no jornal de Ginsburg *As Boas Novas*. Mas A. Campos deixa o pastorado com apenas um ano de exercício. A Ata de 1899, da Igreja de Campos, indica o motivo do afastamento: "retiraram-se do nosso meio por calumnias ou por inveja de irmãos de fora"[6]. Tal afirmação nos leva a crer em um possível conflito com representantes da *Junta de Richmond*, e de algum grupo de irmãos de São Fidelis, insatisfeitos com o mandato do novo pastor. A. Campos queixava-se de diferenças doutrinárias, contudo, a questão financeira era o real incomodo. Pois, por assumir o pastorado, não consegue se dedicar plenamente ao comércio necessitando de uma ajuda financeira por parte da Junta, a qual nem sempre atendia às reais necessidades dos missionários.

Em 1899, o responsável pela igreja central do campo missionário fluminense, a Igreja de Christo em Campos, era o missionário T. C. Joyce. Ele estava com problemas de saúde e por isso exonerou-se do cargo. Ginsburg, neste momento, encontrava-se nos Estados Unidos e convida A. Campos para assumir a Igreja. Cabtree explica: "O Dr. Salomão sempre louvava a eficiência e o serviço do seu amigo Campos e ele tinha, sem dúvida, muita influência entre os batistas naquele tempo e contribuiu de algum modo para o progresso da Causa" (CABTREE, 1962, p. 181).

A Ata da sessão em questão relata:

> como prova de arrependimento de terem deixado o campo, pois que voltam promptos para o trabalho do Junho tendo o irmão Campos deixado um emprego que lhe [dava][7] uns quinhentos mil réis mensais, senão mais e como bem um offerta do Pará para ganhar uns setecentos réis, sendo lhe preciso romper com os seus patrões[8].

[6] Fragmento da Ata da sessão extraordinária da Igreja de Christo em Campos (a atual Igreja Batista em Campos, RJ) do ano de 1899. Não se foi identificado o mês e o dia da sessão. Ata digitalizada disponibilizada pela secretaria da Igreja Batista em Campos. (Foi mantido a grafia do período).
[7] Palavra cortada do documento, deduz-se ser esta.
[8] Fragmento da Ata da sessão extraordinária da Igreja de Christo em Campos (A atual Igreja Batista em Campos - RJ) do ano de 1899. Não se foi identificado o mês e o dia da sessão. Ata digitalizada disponibilizada pela secretaria da Igreja Batista em Campos. (Foi mantido a grafia do período)

Na ata da 147ª sessão extraordinária da Igreja Batista em Campos, do dia 5 de julho de 1899 é relatado esta reintegração. "A pedido do Pastor Salomão L. Ginsburg, de muito bom grado, concedeu, por uma manifestação geral unanime ao referido irmão A. Campos todos os direitos e privilégios que gosava antes de se retirar do meio de nós e do trabalho evangélico"[9], "A Igreja, assim, quis demonstrar ao irmão A. Campos, que todas as faltas e erros que commetteu desde sua ausencia do trabalho, ficam uma vez para sempre esquecidos"[10].

Com o retorno de A. Campos e posteriormente de Ginsburg, foram fundada várias igrejas, no início do ano 1900. Foram: A Igreja de Paciência, em 23 de maio juntamente com o pastor Emílo Kerr; a Igreja de Cambuci, em 31 de maio e a Igreja de Rio Preto, em 07 de setembro juntamente com Ginsburg e Kerr. Na consagração de Joaquim Lessa como pastor, eles estavam juntamente com o diácono Saturnino Nominário. Em 10 de janeiro de 1901 a *Casa Publicadora Batista* publicou pela primeira vez *O Jornal Batista*. A comissão de publicadores reunia: o miss. Pr. Taylor, o miss. Pr. Ginsburg, o miss. Pr. Hamilton, o miss. Pr. Entzminger e o Pr. A. Campos. A. Campos se torna o redator oficial de *As Boas Novas*, e sobre sua direção o Pastor Ebenézer Ferreira (1991) explica: "Utilizava-se ele do jornal Boas-Novas para dar resposta aos que gostavam de polemizar" (p. 71)[11]. Em uma dessas publicações ele gera um grande desconforto ao confrontar-se com o importante reverendo presbiteriano, e publicador do jornal *O Puritano*, Álvaro Reis.

3 A QUESTÃO A. F. CAMPOS

A. Campos agora estava totalmente dependente dos cuidados financeiros da Igreja de Richmond, por ter abandonado de vez seu emprego para se dedicar ao trabalho pastoral. Sua crítica pela falta de cuidado financeiro pela Junta também se direcionava aos seus representantes no Brasil como o Pastor William Bagby, chefe da missão batista no Brasil. Mesmo já tendo gerado certos conflitos com o próprio Bagby e com a Junta, abandonado seu cargo, ele se mantinha no "alto-escalão" dos líderes batistas, sempre sendo redator, pastor e peça fundamental no campo missionário fluminense. Parte disto se dá pelo seu domínio de escrita e pela sua amizade com um dos cabeças da missão, o pastor Salomão Ginsburg.

[9] Ata da sessão extraordinária 147º da Igreja de Christo em Campos, 05/07/1899
[10] Ibidem.
[11] FERREIRA, Ebenézer. **História dos batistas fluminenses** (1881-1991). p. 71, JUERP.

Entre suas participações nas fundações de igreja no ano de 1900, ele acaba iniciando um conflito jornalístico com o notório missionário presbiteriano Álvaro Reis, como citado anteriormente. Vale ressaltar que as únicas fontes da visão sobre este episódio, nomeado de "A questão de A. Campos" são escritas por autores batistas sobre a história da denominação, logo a narração sobre este fato traz A. Campos como um homem impetuoso, bruto e como errado. Por limitações de acesso a fontes não sabemos ao certo qual foi o desacordo com Reis, do que se tratava e nem quais foram as palavras de ambos. Não há um escrito de A. Campos disponível sobre este episódio. De acordo com as fontes disponíveis os próprios pastores do período não concordaram com o tom e o linguajar utilizado na publicação. O missionário Bagby escreve ao reverendo Reis uma carta, cuja temática era a justamente a não concordância, a não associação e não responsabilidade dos Batistas com o escrito de A. Campos. Mas antes de saber dessa justificativa enviada por Bagby, o próprio Antônio mostra-se arrependido e publica uma carta "pedindo para viverem em paz" no jornal *As Boas Novas*. Bagby ao ler a publicação fica imensamente feliz e envia uma carta apreciando a atitude do publicador. Mas ocorre uma confusão. Ferreira (1991) explica:

> Escreveu uma carta endereçada a A.Campos, apreciando lhe a atitude de terminar aquela polêmica que, em nada, vinha edificando. Felicitava-o pela conclusão a que chegara. O inesperado, porém, aconteceu. A carta escrita por Bagby, endereçada a A.Campos, em lugar de seguir de Friburgo para a cidade de Campos, foi parar em Nova York. Lá recebeu carimbo de 23 de maio de 1900. Foi, então, enviada para o Rio de Janeiro, onde foi carimbada no dia 20 de junho. Do Rio, enviaram-na para Campos, no dia seguinte (FERREIRA, 1991, p. 71)[12].

Ao não receber a carta de elogios, Antônio lê somente a carta de justificativa. Isso gera uma conturbação e rompimento de todas as ligações com Bagby. Ele então publica sequenciais desabafos e insultos aos missionários estadunidenses.

Para complicar ainda mais a situação, em julho de 1900, as igrejas da Missão Federal não enviam representante para a assembleia da *União das Igrejas Batista do Sul do Brasil*[13], da

[12] Ibidem.
[13] A União do Sul do Brasil foi fundada em 1896, em Juiz de Fora. Este órgão era onde os líderes das Igrejas Batistas da região do Sul se reuniam visando ajudar-se mutuamente perante as diretrizes da Junta de Richmond. Entre os líderes estava o missionário W. Bagby. Havia outras Uniões como a do Leão do Norte, referindo-se a região norte-nordeste, encabeçada por Salomão Ginsburg.

qual A. Campos fazia parte e receberia em sua região o evento. Motivado pelos ocorrido com Bagby, ele funda uma suborganizarão batista sem vínculo com Richmond: "Sob a orientação dêsse pastor, as igrejas campistas organizaram-se em União Batista Fluminense, independente da União do Sul do Brasil. Organizada no espírito cismático, morreu no seu estado embrionário" (CABTREE, 1962, p. 274). Como tal tentativa foi reprimida e já havia o mal-entendido com Bagby e os demais missionários, A. Campos acaba se afastando do cargo pastoral. Mas, em 1901 é novamente convidado a pastorear a Igreja de Campos.

Mesmo com essas intempéries a missão crescia em Campos e havia falta de obreiros batistas. Cabtree (1962) relata que após a saída de Ginsburg em direção a Pernambuco no início do século os pregadores Emílio Kerr e Manoel F. Tiago se dirigiram a campos não explorados. Para saciar a necessidade, Richmond envia o missionário estadunidense Alberto L. Dunstan em 1901, chegando no Rio de Janeiro apenas em 1902. Entretanto não podemos observar este envio apenas como um reforço, mas com um mecanismo de prosseguir os ideais de Richmond naquela região e a demonstração de controle o que não agradou a A. Campos, que, nos relatos de Ferreira, considerava o novo missionário "grosseirão, antipático e ridículo"[14].

O pastor Cabtree (1962) narra que alguns irmãos da igreja, partidários ao pastor, intercedem a volta de Ginsburg e demonstraram grande aversão pelo missionário Dunstan. Antônio Campos chega até a viajar para Pernambuco e ganha, de certo modo, o apoio de Ginsburg. Com isso, A. Campos planeja exonerar-se do cargo para uma viagem de ida permanente para Pernambuco. Na visão de Cabtree tudo não passava de um plano, onde A. Campos pedia exoneração do cargo de pastor para ir ao campo pernambucano, a fim de trabalhar com Ginsburg, mas na verdade ele não pretendia ir realmente, mas sim gerar com a sua saída uma discussão na igreja para a expulsão de Dunstan para assim voltar aclamado e ser o único responsável na região de Campos sem a intervenção de Richmond. De fato, Dunstan acaba sendo rejeitado por parte da igreja e muda-se para S. João da Barra (RJ) e parte da igreja o segue, gerando um racha. Os que apoiava Dunstan e a Liga de Richmond e os seus missionários começaram a congregar na casa do irmão Julião Guedes na *Serraria da Coroa*, na rua Quinze de Novembro. O restante da igreja continua congregando no templo localizado na Rua formosa e reelege A. Campos na sessão extraordinária de 05 de janeiro de 1903.

[14] Ibidem. Ver a 11º nota. p. 73

Entretanto a divisão da igreja ganha outras proporções quando o periódico secular Monitor Campista publica uma carta do secretário da Igreja de Campos em janeiro de 1903:

> [..] foi apresentada a seguinte proposta, assinada por Cristiano Rodrigues de Mello, diácono: "Proponho que esta igreja declare-se independente, que dispense qualquer auxílio da Missão de Richmond, que não acate missionário batista, seja quem for, no sentido de terminar contendas; e que seja aprovada esta proposta que só teve um voto contra, faça publicar que de ora em diante a igreja de Cristo em Campos, com sede no templo, à Rua Formosa, nº 74, torna-se independente da Missão Batista de Richmond. O 1º Secretário – Eduardo de Vassimon"[15].

O pastor batista Joaquim Lessa, contemporâneo ao período, em seu livro "Subsídio para a História dos Batistas em Campo Fluminense"[16] afirma que houve uma sessão extraordinária no dia 09 de janeiro na igreja da Rua Formosa expulsando da membresia o missionário Dunstan, seus auxiliadores e familiares. De acordo com Lessa, A. Campos, antes da expulsão, chegou a aconselha Dunstan e pedir-lhe, por telegrama, para trocar de campo missionário, mas este negara a fazer isto. Ferreira (1991) relata que a expulsão não agradou em nada os missionários filiados a Junta. O autor segue abordando que a igreja de A. Campos publica um abaixo assinado contra Richmond e sues pastores assalariados numa publicação do dia 18 de janeiro no periódico da cidade, nela traz fragmentos da última sessão extraordinária da igreja que teve como participante o pastor F.F. Soren, missionário de Richmond. De acordo com A. Campos este chegou a declarar que "preferia saber que todos os campistas tinham sido vitimados pela peste bubônica, do que saber que o missionário havido sido expulso de uma igreja de Cristo"[17]. Após essa sessão A. Campos, novamente, pediu exoneração do cargo e viajou a Pernambuco, a fim de encontrar Ginsburg. Em um período de dois anos ele já havia desistido do cargo três vezes.

O ano de 1903 marca o ápice do embate de A. Campos e seus apoiadores contra os missionários assalariado de Richmond e da própria organização. Cabreet (1962) afirma que uma comissão de pastores e missionários se reuniram em abril desse mesmo ano e publicaram no *Diário Popular* (RJ) uma declaração e protesto com quatro pontos. Primeiramente declarou a existência do ministério de seis anos de A. Campos, mas que este não é mais empregado da

[15] Ibidem. p. 72
[16] LESSA, Joaquim F. & CHRISTIE, A.B. **Subsídios Para a História dos Batistas do Campo Fluminense**. Obra inédita.
[17] Ibidem. Ver a 11º nota. p. 73.

Missão batista nem de nenhuma outra denominação; segundo, o consideravam excluído do ministério pastoral e de membresia; terceiro, não reconheciam o grupo dos seus apoiadores como batistas nem de nenhuma outra denominação; e por fim, em quarto, condenavam Antônio Campos e seus seguidores por usurparem do templo e do nome Batista. A Igreja de Campos ao ler esta publicação convoca uma sessão extraordinária, onde se mostram bastante descontentes com os missionários da comissão, afirmando ser eles fiéis as doutrinas batistas e que somente não concordavam em se submeter as autoridades da Junta. E neste momento, ainda sem pastor, é proposto:

> O irm. Mello falla sobre a questão da Igreja, Propõe que a Igreja não acceite da Missão outro pastor sinão o rev. A. Campos e que nenhum dos signatários da declaração e protesto tenha entrado no Templo como membro da Igreja e possa usar da palavra dentro d'elle, aceitando a Igreja ajuda de qualquer missionário menos d'aquele que assignaram a citada declaração. Apoiada essa proposta obteve aprovação geral[18].

Com mais uma tentativa de se fixar em Pernambuco sem sucesso no mês de maio resolve ficar em Campos trabalhando em *O Diário Evangélico* para se sustentar, já que desde que assumiu Campo em 1899 não trabalhava mais no comércio, mas para isso se exonera do cargo novamente em Agosto, como é visto na Ata da 190 sessão extraordinária da Igrejaª: "[..] o reverendo A. Campos mais uma vez o seu pedido de demissão do cargo pastoral. Depois de algumas considerações feitas por vários irmãos é negada a demissão, sendo no entretanto concedida uma licença ao reverendo"[19].

Com as constantes saídas de A. Campos, pedidos de exoneração muitos dos seus apoiadores acabam reatando os laços com a outra metade da igreja. Vale ressaltar que os seus apoiadores insistiam em reelegê-lo toda vez que ele se exonerava, entretanto o próprio A.Campos já não se interessava em manter a briga doutrinária como visto no dia 25 de Novembro do mesmo ano, na publicação do jornal *A Gazeta do Povo* (RJ) onde A.Campos não somente abandona sua posição eclesiástica dentro dos batistas mas retorna para o catolicismo:

> Presado sr. Marcial:

[18]Ata da sessão extraordinária 185º da Igreja de Christo em Campos, 26/04/1903. Ata digitalizada disponibilizada pela secretaria da Igreja Batista em Campos. (Foi mantido a grafia do período).
[19]Ata da sessão ordinária 190º da Igreja de Christo em Campos, 12/08/1903. Ata digitalizada disponibilizada pela secretaria da Igreja Batista em Campos. (Foi mantido a grafia do período).

> Desejo dever-lhe mais um novo grande favor, a saber: que declare por seu excellente e popular diário, que nesta data deixo de ser protestante e por isso renuncio definitivamente á aliás grata honra que me concedia a nobre corporação evangélica, com sede no Templo Evangelico dessa cidade, na teimosia de considerar me seu Pastor, mesmo ausente[20].

A Igreja de Christo de Campos faz uma sessão extraordinária no dia seguinte expulsando o pastor: "[..]Propõe o irmão Feburcio Manhães que o sr. A. Campos seja demitido do cargo de pastor e exposto, apoiado por A. Maia, foi approvada por unanimidade de votos [..] Eu secretário escrevi e assigno. O secretario E. Vassimon"[21]. A Igreja de Campos agora reata os laços oficialmente com o grupo da Serraria da Coroa, os quais retornam para o Templo e reatam os laços com Richmond.

3.1 A. CAMPOS, O "ANTI-AMERICANO"

A. Campos não foi o primeiro a bater de frente com as organizações de missionários protestantes dos Estados Unidos. Émile G. Léonard (2002) explica, esse sentimento "anti-americano" era uma realidade no Brasil, "pelo fato da guerra de Cuba, e que Carlos Pereira, entre os protestantes, acabara de dar o exemplo da autonomia pelo cisma" (2002, p. 413). Léonard afirma que outras tentativas, mais organizadas, deram resultados. Em um certo momento desse embate em Campos algumas das igrejas próximas acabaram apoiando a "revolução nacionalista campista" e poderia ter sido um propício momento para organizar a Igreja Batista Independente, mas a instabilidade do líder fez com que seu próprio plano não viesse a vingar.

Vale ressaltar que esse sentimento não era uma ideologia particular em desacordo com as ideias estadunidenses. A. Campos sempre relata os missionários de Richmond como "assalariados" o que nos leva a crer que o próprio não recebia esse apoio por não ter sido preparado como missionário, mas ter sido uma pessoa comum que, possivelmente, veio ao Brasil visando oportunidades de emprego. Ele acaba se envolvendo profundamente na liderança missionária batista, trabalhando como outros missionários oficiais, liderando igrejas, fundando mais igrejas, dedicando-se totalmente ao ministério pastoral abrindo mão do seu autossustento

[20]Citação retirada do Jornal Batista. Maravilhosa Conversão. Jornal Batista. Rio de Janeiro, Ano III, 30/11/1903, nº29, p. 06.
[21] Ata da sessão extraordinária 194º da Igreja de Christo em Campos, 26/11/1903. Ata digitalizada disponibilizada pela secretaria da Igreja Batista em Campos. (Foi mantido a grafia do período).

e de sua família e não é tratado como um missionário pela Junta. Além desse problema financeiro percebe-se que problemas de saúde dentro da sua própria família incentivou a revolta pela falta de cuidado de Richmond. Como já dito não há uma autobiografia de A. Campos e as fontes sobre grande parte da sua história parte da visão dos batistas. Mas em certas publicações do próprio A. Campos nota-se que sua esposa Emma faleceu, e em 1899 ele já está casado com Lydia de Campos. Quanto aos seus filhos não se foi encontrado quantos são, se ele teve filhos com sua primeira esposa, Branca, se teve com a segunda, Emma ou se todos foram com Lydia. Mas ele relata a morte de dois filhos seus por doenças. Um incansável publicador, pastor oficial da maior igreja do campo fluminense no período, sofria de problemas financeiros e de saúde e não encontrou refúgio no órgão que deveria lhe apoiar como missionário.

4 O CATÓLICO - A MIXÓRDIA PROTESTANTE

O anúncio da reconversão ao catolicismo de A. Campos foi um instrumento muito utilizado pelos católicos. Tal como a figura do apóstolo Pedro, que negou três vezes a Cristo, A. Campos foi metodista, presbiteriano e batista, mas agora finalmente tinha retornado aos braços do Pai e disposto a apascentar suas ovelhas. Já para os protestantes, o ex-pastor representava Judas: o traidor. O momento em que tudo isto ocorre é justamente em um período de uma grande luta pela defesa da fé romana no país. Em Pernambuco no ano de 1902 é estabelecida a *Liga contra o protestantismo* que tinha como líder o capuchinho Frei Celestino de Pedávoli. Ela funcionava com "reuniões na Igreja da Penha, e constantes publicações, principalmente em *A Província: órgão do partido liberal* havendo poucas publicações nos outros periódicos da cidade"[22]. As publicações serviam como embate aos protestantes e afirmavam as doutrinas católicas. Isso dado ao cenário de manutenção do campo católico no Brasil Laico, iniciada com a Carta Pastoral do episcopado Brasileiro (1890), o Congresso Nacional (1900), e no Congresso Católico Pernambucano (1902). Salomão Ginsburg, pastor da Igreja Batista do Recife era o declarado oponente da Liga e de Pedávoli, principalmente depois das duas queimas de bíblias protestantes patrocinadas pelo órgão católico.

[22] MENEZES, Evily. Tempo de lutar e de queimar: o processo de manutenção do campo religioso católico no Recife (1902- 1906). **Anais Eletrônico do XIII Encontro Estadual de História**. Recife: Câmara Brasileira de Livros, 2020.

Ao colocarmos sobre a mesma mesa os fatos ocorridos em 1903 lá no Rio de Janeiro, e o embate ocorrido no mesmo período em Pernambuco fica notório como o ato de A. Camposse declarar com um católico e publicar sequenciais artigos na coluna da Liga repercutiu, justamente por ser uma figura importante no meio protestante e ser um grande amigo do principal opositor da Liga. A. Campos era um excepcional publicador e afirmou dedicar todo o seu tempo e conhecimento jornalístico em prol da luta católica, e na luta anti-protestante.

No início de 1904 a Liga já começa a fazer uso da imagem de A. Campos. Em sátira, Frei Celestino coloca um trecho da publicação do missionário batista Entzminger sobre A. Campos: "Escrevo estas linhas para certificar que ha annos conheço o rev. A. Campos, pastor da egreja em Campos, Brazil, e que durante esse tempo tem se mostrado um baptista leal e inteligente especualemnte útil ao nosso trabalho como escritor"[23] , logo depois de anunciar a reconversão católica do mesmo. No dia seguinte começa a ser republicado os artigos nomeados de *Mixórdia Protestante* escrito por Antônio Campos, que estava morando em São Paulo:

> Foi devido ao labyrintho desanimador de tantas doutrina appostas entre si, e aos resultados logicos de tanta luctas sectária, produzindo inimigos fidagaes e acções criminosas entre os que se intitulavam ministros do evangelho, que cheguei, tarde embora, mas ainda a tempo, ao pé do altar, depôr a offerta de meu coração maculo no erro, mas bem intencionado, de boa fé, em condições de resgatar vinte e tres annos perdidos entre os inimigos da egreja, nove dos quaes, como pastor Baptista.

Nesses artigos ele se dedica a explicar esta mixórdia (confusão) protestante e minunciosamente relatar como funciona as publicações protestantes, desde o maquinário da tipografia, ao tipo de papel, as tiradas e a organização. Ele enfatiza que esse tipo de propaganda tem bons resultados e que a igreja católica devia copiar este modelo, onde se usa papel de uma qualidade mais baixa com o propósito de alcançar mais leitores, ou como ele nomeia a "catequese protestante". Ele explica: "E' um trabalho facilimo este, dadas as condições do nosso povo e a falta de sacerdotes para instruil-o"[24]. Também nos artigos ele defende pontos do catolicismo (São Pedro foi o primeiro Papa, a ilegitimidade das bíblias protestantes...) e relata

[23] CELESTINO, **Combate ao Protestantismo**. A Província: órgão do partido liberal. Recife, Ano XXVII, 20/02/1904, nº 40, p.1.
[24] CAMPOS, **Mixórdia Protestante**. A Província: órgão do partido liberal. Recife, Ano XXVII, 21/02/1904, nº 41, p.1.

sobre sua jornada no protestantismo, iniciada aos 12 anos. De acordo com ele isto se deu por falta de uma boa base, fazendo o seguir pelos enganos reformados, grupo de pessoas perdidas e conflituosas. A medida de suas publicações ele começa a provocar justamente Salomão Ginsburg. Escrevendo cartas abertas iniciando com a frase "meu caro amigo", e utilizando essa expressão ao decorrer do texto. Esse seu amigo, quando o recebeu na metade de 1903, se opôs contra suas ideias, podendo ter sido esse o estopim para a reviravolta da fé de Antônio. Esse engajamento na figura do ex-judeu polonês se dá pelo silêncio do mesmo. Ginsburg não escreveu nenhum artigo sobre o caso do seu amigo, nem a favor nem contra. Nem na sua autobiografia *Um Judeu Errante no Brasil*, ele chega a citar o nome de Antônio Campos. Nesse momento os católicos começam a usar diversas figuras protestantes que retornaram ao catolicismo na sua propaganda, como a do ex-presbítero Antônio P. de Carvalho. Os protestantes por sua vez começam a publicar listas de padres e leigos que se converteram a sua denominação, além de detalhar a vida do ex-padre Antônio Teixeira, considerado o primeiro pastor batista de nacionalidade brasileira.

Antônio Campos se torna membro da *Legião de São Pedro*, em São Paulo na Igreja de Santa Cecília. Este órgão também promoveu queimas de bíblias, chegando a anunciar a queima de 1000 bíblias protestantes. Suas publicações continuam sendo republicadas durante os anos de 1904-1906. Antônio desmente suposições feitas que sua reconversão se deu por abalo emocional e financeiro. Em 1904 ele funda o Centro de Propaganda Cathólica, era uma espécie de editora-livraria. Lá ele vendia exemplares dos seus escritos, *A Mixórdia Protestante*, *Minha Abjuração*, entre outros. Além de livros de outros leigos e clérigos, inclusive do Frei Celestino. Ele se torna um importante nome no meio católico, exercendo de certa autoridade intelectual.

5 CONCLUSÃO

As múltiplas faces religiosas de Antônio Ferreira Campos são literalmente reviravoltas no decorrer da sua vida. A mudança de país, as mortes de suas esposas, de seus filhos, a decadência financeira, a glória no pastorado, nas publicações e na reconversão gira em torno desta emblemática figura. Apesar de ser citado em algumas obras clássicas da história da Igreja protestante, sempre é enfatizado com um instável, insubordinado e conturbador. Mesmo sendo

bem recebido pela Igreja Católica, fora os periódicos, não foi detectado algum tipo de citação ao seu trabalho. Vale ressaltar as limitações documentária neste momento pandêmico.

Sua vida contribuiu na inserção do protestantismo, na ideia de igrejas protestantes independentes nacionais, na recatolização e na propaganda católica. Contudo, sua biografia ainda é analisada "pelas beiradas" de outras histórias. Decorrente aos empecilhos já citados e, também, do seu próprio nome, que por ser bastante comum prejudica uma identificação seleta. Não sabemos quando e como ele veio falecer, se por acaso permaneceu no catolicismo, se regressou ao protestantismo ou se converteu a alguma religião não-cristã. Esperamos, em um cenário mais ameno, prosseguir na pesquisa desta figura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BÍBLIA. Almeida Corrigida Fiel, 1994.

CRABTREE, A. R. **História dos Batistas do Brasil até 1906**. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1962.

FERREIRA, Ebenézer. **História dos batistas fluminenses (1881-1991).** Rio de Janeiro: JUERP, 1991.

GINSBURG, Salomão Luiz. **Um Judeu errante no Brasil**. Rio de Janeiro: Junta de Educação Religiosa: Casa Publicadora Batista, 1970.

LÉONARD, Émile G. **O protestantismo Brasileiro**: estudo de eclesiologia e [de] história social. São Paulo: Editora Aste, 2002

LESSA, Joaquim F. & CHRISTIE, A.B. Subsídios Para a História dos **Batistas do Campo Fluminense.** Obra inédita.

LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINKSY, Carla Bassanesi. **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005, p. 111-153.

MENEZES, Evily. Tempo de lutar e de queimar: o processo de manutenção do campo religioso católico no Recife (1902- 1906). **Anais Eletrônico do XIII Encontro Estadual de História.** Recife: Câmara Brasileira de Livros, 2020.

REICH, Evânia. A distinção das classes sociais segundo o conceito de capital cultural em Bourdieu, e a teoria de Lazer de Thorteim Veblen**. Saberes**, Natal, v.1, p. 81-105, 2017.